

MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO E COLEÇÃO DE ARTE SACRA DO MUSEU DA CIDADE DE RIO GRANDE (RS): UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CONTEXTUALIZAÇÃO DE SEUS RESPECTIVOS ACERVOS

MARITSA SÁ FREIRE COSTA¹; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA²

¹ Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) - maritsacosta@gmail.com

² Professor efetivo do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) - fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

As origens do Museu de Arte Sacra de São Paulo (MAS) estão nas ações de Dom Duarte Leopoldo e Silva, primeiro arcebispo de São Paulo, que, "a partir de 1907, começou a recolher imagens sacras de igrejas e pequenas capelas de fazendas que sistematicamente eram demolidas após a proclamação da República."¹ Desta coleção inicial, constituiu-se o Museu do Cabido Metropolitano de São Paulo, o qual, por um convênio firmado em 28 de outubro de 1969 entre o Governo do Estado e a Mitra Arquidiocesana de São Paulo, passou a ser o MAS, cuja instalação data oficialmente de 28 de junho de 1970. A instituição ocupa desde de sua fundação a ala esquerda térrea do Mosteiro de Nossa Senhora da Imaculada Conceição da Luz. O acervo é formado por imaginária sacra, prataria, pinturas, mobiliários, retábulos, vestimentas e livros litúrgicos, contabilizando um total de cerca de 4.000 objetos.²

O Museu da Cidade do Rio Grande (RS), inaugurado em 19 de fevereiro de 1984, possui duas coleções, a histórica e a de arte sacra. A Coleção Arte Sacra foi inaugurada em 29 de junho de 1986 e ocupava naquela época o Consistório da Capela São Francisco de Assis, em Rio Grande. Devido a obras de restauração do prédio, a Coleção foi fechada para visita pública em 1997 e reaberta em 17 de maio de 2000, passando a ocupar desde esta data a nave e a parte superior do consistório da Capela. O acervo é formado por cerca de 2.000 peças, entre paramentos, objetos de uso litúrgico e imaginária sacra.³

Visto que ambas as instituições, aqui escolhidas como objetos de estudo, têm suas instalações em edifícios que serviram ao uso religioso, interessa a este trabalho analisar o modo como os museus lidam com a natureza sagrada dos objetos que constituem seus acervos. A princípio, a museografia privilegia o tratamento das peças como obras de arte, ao expor, especialmente a imaginária, de forma a desestimular a associação com o universo simbólico-religioso a que ela remete. Trata-se de um uso contraditório do espaço uma vez que ao mesmo tempo em que ele é utilizado para contextualizar os objetos, as manifestações devocionais são desestimuladas, ficando a apreciação sugerida ao público restrita ao aspecto estético-artístico das imagens.

Primeiramente, colecionavam-se objetos raros nos chamados gabinetes de curiosidades. Nesta época, o interesse pela peça se resumia ao próprio objeto e visava-se apenas e tão somente a sua exibição. Posteriormente, as instituições

¹ Fonte: **Site oficial do Museu de Arte Sacra de São Paulo** Acessado em 27 jul. 2012. Online. Disponível em: <http://www.museuartesacra.org.br/acervo.html>

² Fonte: idem

³ Fonte: **Blog dedicado ao Museu da Cidade de Rio Grande**. Acessado em 27 jul. 2012. Online. Disponível em: <http://museucrg.wordpress.com/about/col-arte-sacra/>

museológicas do século XXI ainda têm em seus acervos a base para a elaboração de suas funções principais e das políticas que as regularizam. Os museus passam a se dedicar à difusão do conhecimento, baseada na comunicação que se espera que seja realizada através da exposição. A peça é vista como um meio de informação, concepção esta que vai além, portanto, de considerá-lo simples exemplar de exposição. “[...] o objeto de estudo da Museologia é o espaço museológico em si e a configuração de representações a partir dos objetos musealizados privilegiando a sintaxe documental e expositiva.” (LOUREIRO, 2005: 29) Ao público são dirigidos os esforços para que não apenas desfrute da exposição enquanto experiência visual, mas também apreenda seus significados.

Os objetos são produtos da cultura humana e, como tais, explicam, delimitam, justificam ou fundamentam as relações entre os homens e os próprios objetos, bem como as relações dos homens entre si. Portanto, além das funções práticas inerentes ao próprio objeto são consideradas e analisadas as funções simbólicas que ele desempenha nos contextos social e cultural nos quais transita. Enquanto os antropólogos discutem se os objetos expressam as identidades sociais num determinado grupo ou se eles, enquanto integrantes de um sistema de símbolos, organizam a fruição das identidades dos diversos indivíduos no meio social; outros teóricos estabelecem simplesmente que os objetos são “criadores e criaturas do ser humano” (GONÇALVES, 2007; RAMOS, 2004: 32). Neste sentido, a imaginária religiosa, por exemplo, foi largamente utilizada para difundir os ensinamentos da fé cristã entre os iletrados, e a arte barroca, que caracteriza diversas peças de ambos os museus aqui tratados, é a principal manifestação disto. Sendo assim, estes objetos assumem uma complexidade de significados que os permite serem entendidos tanto como peças de um acervo quanto como imagens devocionais.

Portanto deverá ser discutida a dinâmica que permite que as imagens sejam entendidas tanto como cultura material sacra, e por isso carregada de força simbólica devido ao sentido sagrado que encerra, quanto como objeto que faz parte de um contexto museal, no qual é, a princípio, privilegiado o sentido estético-artístico destes objetos, destituindo-os em grande parte de seu sentido anterior.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa nas áreas de patrimônio cultural e da museologia. No entanto, devido à sua natureza interdisciplinar, a análise da problemática exige que sejam buscados conhecimentos em outras áreas, como na história e na sociologia da arte, em específico nos estudos de arte sacra, bem como nos estudos de cultura material e mesmo em trabalhos antropológicos que lidam com a questão do simbólico e do religioso pertinentes a este caso.

Deste modo, a fundamentação teórica contempla autores que são referências nas respectivas áreas a serem trabalhadas ao longo deste trabalho. Neste sentido, da iconografia e iconologia serão utilizadas obras de Erwin Panofsky (1979) e Hans Belting (2010). Na área de sociologia da arte, os autores que fundamentarão a discussão deverão ser Pierre Francastel (1973) e Jean Duvignaud (1967). Estudos na área de arte sacra e religiosidade igualmente auxiliarão o desenvolvimento do texto, tais como trabalhos de Eduardo Etzel (1979). Na área de museologia deverão ser consultados Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2005) e Myriam Sepúlveda dos Santos (2006), e na antropologia, os trabalhos de José Reginaldo Santos Gonçalves (2007). Reflexões sobre a arte barroca e a memória serão utilizadas para complementar as pesquisas. Quanto ao Barroco, encontrar-se-ão ricas análises nas obras de Germain Bazin (2010) e Giulio Carlo Argan (2004). Autores como Joël Candau (2011) e Paul Ricoeur (2007) fornecerão informações acerca das reflexões em torno da memória.

O objetivo deste trabalho é investigar a maneira como os museus lidam com a sacralidade de seus objetos, e como estes objetos se inserem em seus contextos museográficos. Para tanto, foram escolhidos dois museus que se encaixam neste caso, quais sejam, o Museu de Arte Sacra de São Paulo e a coleção de arte sacra do Museu da Cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Embora não sejam os únicos, estes dois museus foram considerados por possuírem suas instalações em edifícios que tiveram funcionalidade religiosa. Devido à possibilidade de acesso e à necessidade de se limitar o objeto de estudo, foram particularmente selecionadas estas instituições.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O desenvolvimento do tema é sustentado por extensa pesquisa bibliográfica nas áreas mencionadas anteriormente, de modo que seja verificada a pertinência do tema e adequação da problemática às fundamentações teóricas das referidas ciências.

A pesquisa descritiva determinará as características das instituições, de seus acervos e do projeto expográfico que cada instituição adota. A seguir, através do método comparativo serão identificadas as diferenças, mas especialmente as similaridades entre as linguagens expositivas por meio das quais os museus se definem. A pesquisa igualmente se valerá do método observacional, pelo qual o uso do espaço pelo público deve ser registrado. A partir destas constatações, procurar-se-á refletir sobre os objetivos das exposições, já que elas são um meio de comunicar algo, isto é, de transmitir alguma mensagem. Para a investigação desta experiência museológica, seus alcances e seus limites, será utilizado o método fenomenológico, cujo objetivo é "o de proporcionar uma descrição direta da experiência tal como é (...) a realidade é o compreendido, o interpretado, o comunicado" (GIL, 2006: 32).

Como complemento, serão aproveitadas as técnicas de análise iconográfica, bem como instrumentos de pesquisa antropológicos a serem definidos, de modo que as estruturas discursivas dos objetos sejam entendidas. Desta maneira será possível a reflexão acerca da cultura material, o que por sua vez, dará margem a uma melhor fundamentação a respeito do caráter simbólico das peças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As primeiras observações nos espaços das instituições são preliminares. Os resultados ainda são insuficientes para sustentar qualquer abordagem sobre o tema geral, visto que o trabalho ainda se encontra em fase de estruturação.

4. CONCLUSÕES

Por sua natureza interdisciplinar, o trabalho repercutirá positivamente no diálogo entre as diversas áreas envolvidas. As conclusões alcançadas deverão auxiliar, por exemplo, na elaboração de ações educativas nas instituições aqui tomadas como objetos de estudo, uma vez que revelará um outro aspecto das peças do acervo. A partir dos dados desenvolvidos nesta investigação, profissionais que trabalham em museus de arte sacra poderão elaborar programas específicos para o público, devido à visão mais abrangente dos significados das peças em exposição. Ao rever o papel tradicional do museu e do objeto propriamente dito, o trabalho deverá provocar discussões proveitosas no campo da Museologia. Ademais, é possível que se estenda a análise para outros temas como o envolvimento da

sociedade nos assuntos memoriais, o posicionamento do público devoto nesta discussão, bem como o entendimento da temática da memória nos movimentos religiosos da contemporaneidade. Contribuições que se proponham a restringir o objeto de estudo de modo a focalizar tipos sociais atuando no grupo e interagindo com os objetos sacros, nos diversos contextos, são convenientes ao desenvolvimento do tema e juntamente com outros trabalhos deverão complementar a análise aqui proposta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **Imagem e persuasão: ensaios sobre o Barroco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.11-65.
- BAZIN, Germain. **Barroco e Rococó**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- BELTING, Hans. **Antropología de la imagen**. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. p.83-136.
- DUVIGNAUD, Jean. **Sociologie de l'art**. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- ETZEL, Eduardo. **Imagem sacra brasileira**. São Paulo: Edusp, 1979.
- FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006. p.26-41.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. (Coleção Museu, Memória e Cidadania). Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007. p.7-42.
- LOUREIRO, José Mauro Matheus. O objeto de estudo da museologia. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos (Orgs.). **Museus Instituição de Pesquisa**. (MAST COLLOQUIA nº 7). Rio de Janeiro: MAST, 2005. p. 25-36.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Brasília, DF: CNPq, 2005. p.15-84.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. p.82-104.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos . **A Escrita do Passado nos Museus Históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.